

Deterioração da conjuntura leva a nova revisão da taxa de crescimento para 2013

Em 2013, a economia brasileira vem experimentando uma redução do ritmo de crescimento do consumo em razão da perda de dinamismo no mercado de trabalho e do aumento da inflação. As vendas no comércio varejista, que cresceram à taxa de 8,4% ao ano entre 2006 e 2012, acumulando crescimento de 62,5% em 6 anos, aumentaram apenas 3,3% nos primeiros cinco meses do ano em relação a igual período do ano anterior. O número de consultas ao SPC e ao sistema Usecheque cresceu apenas 1% até maio. Esse processo levou a uma deterioração rápida da expectativa dos consumidores, com efeitos nocivos sobre a atividade econômica.

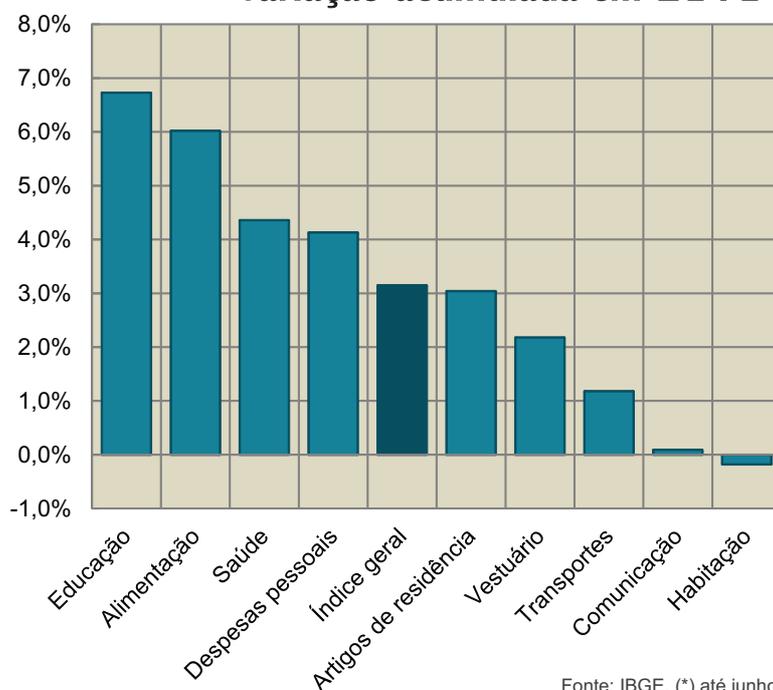
Inflação alta

Os primeiros meses de 2013 foram marcados pela aceleração da inflação. Até junho, o IPCA – Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo – já havia acumulado elevação de 3,2%, o que equivale a uma inflação anualizada de aproximadamente 6,4%, valor muito próximo ao teto da meta inflacionária para 2013 (6,5%).

A pressão inflacionária em 2013 veio dos alimentos, que além de terem peso elevado no índice, observaram elevações de preços muito acentuadas. O custo de vida com alimentação no domicílio, item composto por despesas com aquisição de alimentos in natura e industrializados para consumo nos lares, elevou-se 6,4% no primeiro semestre. O custo com a alimentação fora de casa cresceu menos – 5,3% no acumulado do ano até junho – mas ainda assim num patamar anualizado de dois dígitos. Juntos, esses dois itens responderam por mais da metade da inflação observada em 2013.

Gráfico 1

Componentes do IPCA, variação acumulada em 2013*



Fonte: IBGE. (*) até junho.

O item educação também afetou de forma considerável a inflação. No primeiro semestre de 2013, as despesas com educação já acumulam alta de 7,6%. Contudo, esse movimento não causa apreensão, pois ele reflete um comportamento sazonal. Nessa componente do custo de vida, é muito elevado o peso das mensalidades escolares e de cursos regulares, as quais aumentam contratualmente no início do período letivo. Somente em fevereiro, o aumento dessas despesas foi de 5,4%.

Mercado de trabalho

Outro fator que influenciou a dinâmica de expansão no comércio foi a redução do ritmo de crescimento

do emprego em 2013. Após vários anos de forte expansão, o emprego passou a crescer num ritmo menor ao final de 2012. Segundo dados do IBGE, o volume de pessoas ocupadas, que havia crescido à taxa média anual de 2,4% ao ano entre 2006 e 2012, aumentou apenas 1,3% nos primeiros cinco meses deste ano.

O salário médio real também reduziu substancialmente seu ritmo de crescimento. O aumento do salário médio real, que na média do período 2006 a 2012 atingiu a cifra de 3,4% ao ano, foi de apenas 1,7% nos primeiros cinco meses de 2013. Assim, o ritmo de crescimento da renda do trabalho acabou se reduzindo de forma expressiva: entre 2006 e 2012, a renda real do trabalho aumentava 5,9% ao ano e, em 2013, a taxa ficou em apenas 3,0% segundo informações da Pesquisa Mensal de Emprego (PME) do IBGE.

Os dados da PME também revelam a diminuição da massa de rendimentos do trabalho nas seis regiões metropolitanas pesquisadas: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife e Salvador. Conforme indica o Gráfico 2, que traz o índice de massa de rendimentos reais do trabalho nessas regiões, o nível mais elevado de rendimento real das famílias deu-se em novembro de 2012. Desde então até maio deste ano, a massa de rendimentos reais já acumula queda de 2,5%.

Aumento dos juros e da inadimplência

A perda de dinamismo no mercado de trabalho levou ao aumento da inadimplência das famílias nesse período. O número de registros de inadimplência no SPC cresceu 1,2% nos primeiros cinco meses do ano e o número de cheques devolvidos aumentou 2,9% até maio. O aumento da inadimplência foi particularmente elevado no Nordeste, onde o número de cheques devolvidos aumentou 7,3% até maio.

Gráfico 2
Massa real de salários,
índice base 2010 = 100



Fonte: Pesquisa Mensal e Emprego, IBGE.

Outro fator que afeta a inadimplência é o aumento dos juros. Mesmo com a divulgação de resultados ruins de crescimento econômico e de demanda no varejo, o Conselho de Política Monetária (Copom) voltou a elevar a taxa de juros básica da economia, que passou para 8,5% ao ano em julho de 2013. Essa elevação, considerada necessária para conter a inflação, terá dois efeitos nocivos sobre o crescimento. Primeiro, o crescimento dos juros afeta negativamente a demanda agregada, especialmente sua componente de consumo das. Depois, o aumento dos juros exigirá do governo mais recursos públicos para a rolagem da dívida pública federal, comprometendo o orçamento do governo federal para despesas com investimento.

Outro foco de preocupação do Copom é o crescimento dos déficits da balança comercial e da balan-

ça de serviços. O superávit do comércio exterior de mercadorias, que foi de US\$ 7,1 bilhões no primeiro semestre de 2012, transformou-se num déficit acumulado de US\$ 3,0 bilhões em 2013. A balança de serviços elevou o saldo negativo de US\$ 16,2 bilhões nos primeiros cinco meses de 2012 para US\$ 18,9 bilhões em igual período de 2013.

Crise de confiança

Essa conjuntura levou a uma rápida deterioração das expectativas na economia. Os consumidores passaram a ver a economia com menor otimismo e reduziu-se a disposição à compra. A Tabela 1 traz os resultados da pesquisa que investiga as expectativas dos consumidores no país. Os dados de junho de 2013 mostram deterioração em todos indicadores. Com relação ao desemprego, por exemplo, os consumidores brasileiros ficaram mais pessimistas em maio, pois o índice de expectativa caiu 8,9% em relação a abril deste ano.

De um lado, as estatísticas revelam que a percepção dos consumidores está em sintonia com a conjuntura econômica. De outro, as perspectivas negativas causam certa apreensão, na medida em que indicam uma disposição menor à aquisição de bens de maior valor (bens duráveis, automóveis e imóveis). Se essa percepção do futuro se tornar fato, provavelmente o consumo deve estagnar no segundo semestre do ano, com efeitos negativos sobre o crescimento econômico.

Projeções revisadas

Ao final de 2012 as projeções de mercado apontavam para um crescimento de 4%

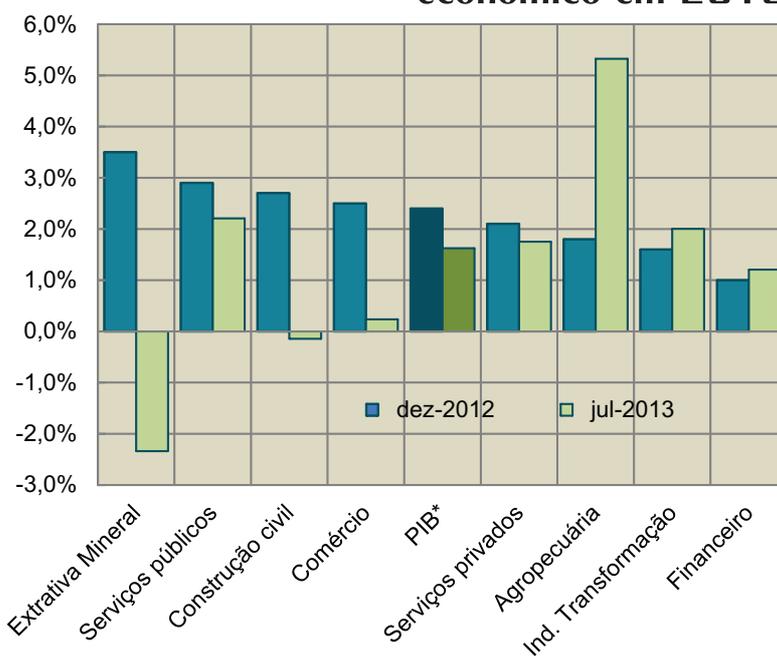
Gráfico 2
Índice Nacional de Expectativas do Consumidor, junho de 2013

	Mês	Ano	12 meses
Inflação	-3,2%	-0,4%	-7,0%
Desemprego	-8,9%	-0,2%	-5,1%
Própria renda	-1,1%	0,3%	-1,5%
Situação Financeira	-3,0%	-1,7%	-1,2%
Endividamento	-1,8%	-0,1%	-0,9%
Compras de bens de maior valor	-3,6%	0,6%	-0,2%
INEC	-3,5%	-0,2%	-2,2%

Fonte: CNI.

em 2013, ritmo considerado razoável. O Boletim de Conjuntura da CNS editado em dezembro do ano passado, por sua vez, já trazia uma visão menos otimista para o ano: naquela época projetava-se crescimento de 2,4%.

Gráfico 3
Perspectivas de crescimento econômico em 2013



Fonte: CNS. (*) a preços de mercado.

A evolução da conjuntura deste então levou a uma revisão das projeções de mercado do crescimento econômico. O Boletim Focus de julho deste ano, feito pelo Banco Central, indicou uma taxa média esperada de crescimento econômico de 2,3% para 2013. Contudo, as projeções da CNS indicam que esse cenário ajustado do mercado ainda está excessivamente positivo.

As novas projeções de crescimento econômico feitas para o Boletim de Conjuntura deste mês indicam que o crescimento econômico será inferior ao que havia sido indicado há seis meses (2,4%). Com base nas informações dos últimos seis meses, a taxa de crescimento em 2013 foi revista para 1,6%, ou seja, 0,8 ponto percentual abaixo da previsão feita em dezembro de 2012. Com isso, o PIB deve alcançar R\$ 4,578 trilhões em 2013 – ver Tabela 3.

Como ilustra o Gráfico 3, elevou-se a expectativa de crescimento da agropecuária de 1,8% para 5,3%, que teve um excelente desempenho no início do ano. Também elevou-se a expectativa de expansão do PIB da indústria de transformação, a qual passou de 1,6% para 2,0%. Contudo, caíram de forma expressiva as projeções de crescimento da indústria extrativa, em razão da queda de preços das commodities minerais, e da construção civil, devido à concentração de obras em finalização.

O setor de serviços

Ao longo de 2012, o setor de serviços reduziu seu ritmo de crescimento. Conforme ilustra o Gráfico 4, que traz a taxa de crescimento do PIB dos serviços

privados não financeiros, a expansão das atividades do setor ficou entre 2,5% ao ano e 4,5% ao ano durante 2010 e 2011. Em 2012, essa taxa caiu abaixo de 2% ao ano. No primeiro trimestre de 2013, a expansão foi de apenas 1,9%.

Os dados de emprego mostram a mesma tendência. O índice de emprego em serviços calculado pela CNS com base em informações do Ministério do Trabalho e Emprego reduziu fortemente seu ritmo de crescimento. Ao longo de 2010 e 2011, o emprego com carteira assinada crescia a taxa superiores a 5,5% ao ano. Em 2012, esse ritmo caiu para 4% ao

Tabela 2
PIB por setor de atividade, 2013

	PIB	
	R\$ bilhões	(%)
Agropecuária	224,17	5,3%
Extrativa Mineral	153,63	-2,3%
Indústria de Transformação	537,41	2,0%
Construção civil	207,97	-0,1%
Comércio	495,03	0,2%
Financeiro	279,52	1,2%
Serviços públicos	618,99	2,2%
Serviços privados não financeiros	1.361,38	1,8%
PIB a custo de fatores	3.878,11	1,5%

Tabela 3
Demanda agregada, 2013

	Componentes da demanda	
	R\$ bilhões	(%)
Consumo	2.944,65	1,9%
Gastos do governo	903,38	1,9%
Investimento*	891,23	9,0%
Exportação	545,59	-1,8%
Importação	(706,81)	9,5%
PIB a preços de mercado	4.578,04	1,6%

Fonte: CNS. (*) inclui variação de estoques.

ano e, no primeiro trimestre de 2013, a expansão foi de apenas 3,5% ao ano. No segundo trimestre deste ano, o ritmo caiu ainda mais, chegando a 3,1% ao ano na média dos meses de abril, maio e junho com relação a igual período do ano anterior.

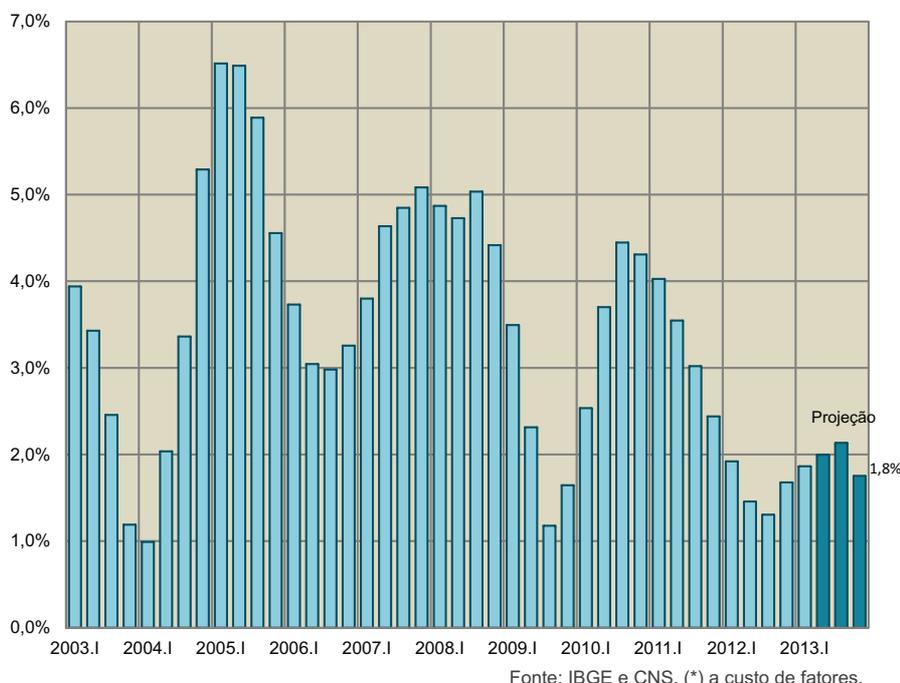
O crescimento do número de pessoas ocupadas em serviços também apresentou redução segundo a Pesquisa Mensal de Emprego do IBGE, realizada nas seis maiores regiões metropolitanas do país. Entre 2009 e 2012, a ocupação em serviços – que abrange os serviços privados, inclusive serviços financeiros – cresceu ao ritmo de 2,9% ao ano. No primeiro semestre de 2013, essa taxa já havia perdido 2,4 pontos percentuais, ficando em 0,5% ao ano.

Isso levou a uma redução nas projeções de crescimento dos serviços privados não financeiros em 2013. Ao final de 2012, esperava-se um crescimento de 2,1% do PIB do setor de serviços privados não financeiros no ano corrente. As novas projeções apontam para um crescimento menor, de 1,8. Com isso, o PIB dos serviços privados não financeiros deve alcançar R\$ 1,361 trilhão este ano, o que corresponderá a quase 30% do PIB brasileiro.

O setor de serviços de informação, que reúne os segmentos de tecnologia de informação e telecomunicações deve liderar essa expansão, com taxa de 2,5% em 2013. Os serviços prestados às famílias e empresas deverá crescer 2,1% este ano, um ritmo até superior ao verificado em 2012. O segmento que mais reduz o ritmo de expansão é de energia, gás e saneamento. Em 2013, este setor deve crescer 1,8%, metade da taxa verificada em 2012.

O PIB dos serviços privados não financeiros deve crescer 12,8% em 2013, alcançando R\$ 1,361 trilhão este ano, o que corresponderá a quase 30% do PIB brasileiro.

Gráfico 4
PIB* dos serviços privados não financeiros, taxa de variação em 12 meses



Fonte: IBGE e CNS. (*) a custo de fatores.

Tabela 4
Serviços privados não financeiros, 2013

	PIB	
	R\$ bilhões	(%)
Energia, saneamento e gás	94,91	1,8%
Transportes, armazenamento e correios	214,18	0,8%
Serviços de informação	105,02	2,5%
Serviços prest. às famílias e empresas	619,57	2,1%
Serviços imobiliários	327,70	1,5%
Total	1.361,38	1,8%

Fonte: CNS. (*) inclui variação de estoques.